

A primeira mulher branca do Xingu

Era 1963 quando Marina Lima Villas Boas foi convidada a passar uma semana na região, para ajudar a combater epidemias. Ficou 15 anos. Ieda de Abreu, especial para o JT

Não é nada fácil chegar ao Xingu. Ser aceita por seus habitantes, mais difícil ainda. Nos anos 60, era algo impensável para a maioria. Não para a enfermeira Marina Lopes de Lima Villas Boas, a primeira mulher a morar e a trabalhar no Xingu, "onde não entra qualquer um", garante ela. Em 1963, Marina foi convidada a ajudar a combater epidemias de malária e leishmaniose, por uma semana. Ficou ali 15 anos. Tempo suficiente para se apaixonar pela causa indígena e pelo sertanista e indigenista Orlando Villas Boas, com quem se casou e teve dois filhos.

Formada pela Escola de Enfermagem do Hospital Matarazzo, e hoje aposentada, Marina mora no Alto da Lapa com o marido e os cachorros Waurá e Tica - que só são presos quando a visita é de paz. Em meio a fotos e lembranças, garante: "Para conhecer o índio, só vivendo com ele". E explica nesta entrevista ao JT.

Como se deu a sua ida para o Xingu?

Tive oportunidade de trabalhar com os índios por meio dos Villas Boas. Eles foram para o Xingu em 1943 e, em 1946, fizeram os primeiros contatos com os calapagos. Depois, passaram a outras tribos. Como diz o Orlando, naquele tempo "tínhamos a idéia de que o índio era um bicho que andava na mata matando e destruindo". Então, eles resolveram criar uma reserva, o Parque Nacional do Xingu, que hoje se chama Parque Indígena. É uma reserva federal criada pelo governo brasileiro com o intuito de preservar e garantir a sobrevivência das várias tribos que vivem naquela região. No início, esta reserva tinha 28 mil quilômetros quadrados. Uma parte do lado norte foi cortada por causa da construção da rodovia BR-80, e posteriormente ganhou uma parte na mesma proporção no lado sul. Hoje, parece que tem uns 200 mil quilômetros. É uma área de mata alta, muito bonita e, para mim, num determinado tempo da minha vida, foi um verdadeiro paraíso. Fui muito feliz lá.

Em 1963, os Villas Boas estavam precisando de pessoas para ajudar. Primeiramente na área de saúde, porque estava havendo uma epidemia de leishmaniose e malária. Na época, eu trabalhava para a Secretaria de Justiça de São Paulo. Fui convidada e aceitei. Era para ficar uma semana e fiquei esses anos todos. Envolvi-me tanto com o trabalho dos Villas Boas que acabei me casando com um deles. Esse casamento já dura 30 anos e tenho dois filhos. Quando fui para o Xingu, tudo era muito diferente. Eu tinha 20 e poucos anos e, naquela época, uma moça fazer o que eu estava fazendo era considerado uma aberração, uma coisa muito estranha.

Você já havia pensado em trabalhar com os índios?

Sempre admirei o índio e tive um respeito muito grande por ele, e curiosidade também. Desde criança gostava dos índios e dizia que um dia iria visitar uma aldeia. Fui a primeira pessoa a ir para o Xingu morar e prestar serviços de saúde.

Você recebeu alguma orientação?

Eu não sabia nada. Tudo o que aprendi no trato com os índios me foi passado por Leonardo, Cláudio e Orlando Villas Boas - a quem os índios consideram pai, avô, irmão e por quem têm o maior respeito. O cacique Arítana diz que eles são os grandes es-



MARINA VILLAS BOAS: "Foi uma oportunidade única exercer minha profissão naquele local, naquela época"

píritos da floresta por tudo o que fizeram pelo índio. Agissem com o intuito de preservar e garantir a sobrevivência das várias tribos que vivem naquela região. No início, esta reserva tinha 28 mil quilômetros quadrados. Uma parte do lado norte foi cortada por causa da construção da rodovia BR-80, e posteriormente ganhou uma parte na mesma proporção no lado sul. Hoje, parece que tem uns 200 mil quilômetros. É uma área de mata alta, muito bonita e, para mim, num determinado tempo da minha vida, foi um verdadeiro paraíso. Fui muito feliz lá.

Você teve contato com muitos médicos?

Tive contato com o médico sanitário Noel Nutels, com Laércio Franco, Belfor de Matos, principalmente o pessoal da Escola Paulista de Medicina que prestava assistência aos índios. Foi graças à escola, a esses médicos, à FAB e à teimosia

"Tudo o que aprendi no trato com os índios me foi passado por Leonardo, Cláudio e Orlando Villas Boas - a quem os índios consideram pai, avô e irmão"

dos Villas Boas que muitas tribos não foram aniquiladas.

Por quanto tempo você foi a única mulher trabalhando no Xingu?

Nos primeiros dois anos, só havia eu de mulher por lá. Em 1965, o Orlando fez um convênio com a Escola Paulista e os médicos passaram a visitar a reserva e a prestar assistência. Aí, então, eu pegava os índios que passavam mal e já os mandava para o Hospital São Paulo.

O que causou maior impacto ao chegar à reserva?

O grande impacto foi sair de São Paulo, chegar aquele lugar e me deparar com a imensa calma e tranquilidade das pessoas. É uma sociedade que nos dá inveja, onde ninguém manda em ninguém, com valores que nós devemos ter tido no passado e fomos perdendo, mas que o índio ainda tem. Eu me senti entrando em outro planeta.

Como foram os primei-

ros tempos no Xingu?

Quando cheguei ao Xingu, já havia um posto, um rancho, onde dormíamos em redes. Cada um tinha a sua, todas amarradas em um mesmo pau... E eu era a única mulher. Eu me sentia muito protegida entre eles, que praticamente me adotaram. Foi uma coisa muito interessante, esse contato com um universo diferente. Chegando lá, eles tinham conseguido um avião teco-teco e um piloto e logo eu estava voando diariamente, cada dia para uma aldeia - prestava assistência local, fazia levantamento. Tínhamos uma estação de rádio que falava com São Paulo. O médico ia à estação, falava comigo, me orientava, eu fazia o trabalho e, quando não dava resultado, levava ao posto. Se a coisa complicava, mandava o índio de avião para São Paulo. A distância era enorme, mas a maioria dos nossos contatos eram daqui. O avião da FAB descia na reserva uma vez por semana e fazia a viagem de ida e volta. Isso aconteceu muitas vezes. Com essa pouca assistência que dávamos, conseguimos suspender a mortalidade infantil por quatro anos mais ou menos. Foi uma coisa tão fantástica que os índios chegavam a dizer que não tinham mortos para fazer o quarup, a cerimônia em homenagem aos mortos. Eles chegavam para nós reclamando: não tem morto, como vamos fazer o quarup?

Qual é o papel da mulher entre os índios?

Antes, o regime era bem patriarcal, a mulher vivia só para servir o homem, participava das festas pintando o homem, preparando sua comida. Hoje, o sistema ainda é patriarcal, mas já está um pouco modificado. Da última vez que estive lá, vi que a mulher evoluiu - quer dizer, ela assimilou muita coisa nossa. Vi uma fila enorme de mulheres andando de bicicleta com crianças e animais no bagageiro. Antigamente, elas iam a pé, carregando tudo: a bagagem, criança, os animais, a comida do marido. Hoje ela viaja mais confortável pedalando a bicicleta. Mas é bom es-

clarecer que esse sistema é um traço cultural, e funciona num clima de respeito. Existe um equilíbrio entre eles, é cada um com suas tarefas. Se uma família vai viajar, a mulher carrega o filho no colo, a bagagem, a comida, e o homem cuida da segurança. Como o índio diz na língua dele: "Se eu carregar, tudo isso, vem uma onça, joga tudo no chão e come minha mulher".

Existe mesmo o dia internacional da mulher indígena?

No Xingu existe, sim, e elas comemoram há muito mais tempo do que nós. Elas escolhem um dia do ano de acordo com a posição da lua, com a estação. Nesse dia, todos os homens saem da aldeia e ficam só as mulheres.

Os índios devem ter muito o que ensinar aos 'brancos'.

Só de observar como eles vivem, a gente aprende. O chefe da aldeia é um conselheiro, ele tem poderes como todo chefe, mas tem também obrigações. Não pode ser uma pessoa brusca, não pode rir, falar alto, andar apressado, correr; deve falar baixo e ser dirigit à aldeia toda madrugada. Os índios ainda estão nas suas redes, mas ouvem a recomendação que o chefe ouviu dos pajés na tarde anterior. Mas os pajés não ensinam nada, apenas comentam.

Os chefes costumam dar conselhos aos casais?

Certa vez, ouvi um chefe dizer de madrugada, mas sem citar nomes: "É... Um índio falou que a mulher dele não está varrendo o rancho direito...". No dia seguinte, foi aquela varreção. Todas as mulheres ficaram atentas, a que não estava varrendo também, a que não estava trazendo água do meio do rio, água limpa, voltou a trazer... E ninguém precisa falar quem fez ou deixou de fazer. As regras de comportamento não são rígidas na comunidade. Eles não discutem uns com os outros, não vi marido discutindo com a mulher, pai bater no filho ou a mãe puxar a orelha da filha. O Orlando é quem diz que, entre os índios, o velho é o dono da História, o índio é o dono da aldeia e a criança é a dona do mundo.



Marina e Orlando com os filhos



Do álbum de família, nos anos 80



Em casa, lembranças do Xingu



Trinta anos de casamento

Quando foi seu último contato com as tribos do Xingu?

Estive com eles em 1998 pra assistir ao quarup do Cláudio. Foi uma festa linda, algo muito forte. Acho que foi a maior festa que eles já fizeram. Estavam lá uns 2.500 índios falando línguas diferentes, muita gente chorando de emoção.

O que mudou no quarup desses anos para cá?

Mudou alguma coisa. Por exemplo: o algodão que eles colocam nos pés e na cintura, que era da roça, a maior parte hoje eles compram aqui. Compram fios de barbante, compram lã, essa linha Clea para fazer os enfeites. Mas o aparato continua o mesmo.

E quanto ao número de mortos para fazer a cerimônia?

Para se fazer o quarup, deve morrer alguém de linhagem, seja adulto ou criança. A população tem aumentado bastante no Xingu e o número de mortos só diminuiu.

Em várias fotos, os índios aparecem com uma flor de bananeira no meio da testa. Qual é o significado?

É como um talismã, um amuleto que eles usam para se protegerem contra os feitiços. Não podem sair da aldeia sem esse amuleto.

Como o índio encarava a doença?

Naquele tempo, quando adoecia, o índio achava que tinha sido atingido pelo mamaé, um espírito que tira a alma dele. Eles achavam que tudo, qualquer doença, era feitiço jogado por esse espírito.

Sendo enfermeira, como você lidava com uma concepção de doença tão diferente da nossa, na qual a eficácia simbólica do pajé é mais importante do que os medicamentos? Como era tratar as doenças diante desse universo simbólico dos índios?

Eu fazia a minha parte, passando os medicamentos, os antibióticos, cuidando da higiene,

dando algum conforto, e o pajé fazia a parte dele. Mas quando o doente ficava bom, a cura era sempre atribuída ao pajé. Se você faz o tratamento alopático e o pajé não faz a pajelança, o doente demora mais a ficar bom, porque psicologicamente continua doente. A partir do momento em que vem o pajé e faz a pajelança, ele se considera curado. Desde que o medicamento tenha produzido efeito.

Houve alguma resistência ao seu trabalho?

Nenhuma. Os índios acreditam na cura do pajé, mas sabem que existem as doenças orgânicas que, se não forem combatidas, podem matar. Aceitam muito bem o nosso tratamento, medicação, mas só se sentem totalmente curados com o tratamento do pajé. Tem outro detalhe: naquela época, o índio reagia muito melhor à nossa medicação porque era uma coisa virgem - com uma dose de penicilina, curava-se uma pneumonia. Com o passar do tempo, eles foram se tornando mais resistentes aos medicamentos e as doses foram ficando maiores.

Como os índios reagiam à presença dos médicos?

Vimos muitos conflitos entre médicos e pajés. Chegava um médico querendo tratar o índio e, quando encontrava o pajé, queria afastá-lo, ou ignorava seus métodos. Isso às vezes criava situações difíceis. Mas como sempre fui orientada pelos Villas Boas, já tinha mais tato, procurei não impor nada e estava sempre aberta a aprender com eles. Aprendi que a paciência, a observação e o respeito pela natureza, mais que os remédios, podem salvar vidas nos lugares onde é difícil chegar um médico.

Pelo seu trabalho, você tinha mais acesso a mulheres? Elas falavam sobre remédios, sobre os partos, o cuidado com os filhos?

Pelo fato de ser uma sociedade patriarcal, o homem é quem sempre toma a iniciativa de falar. Quando eu chegava para visitar uma pessoa doente, quem dava a informação sobre o estado de saúde dela era o homem e não a mulher. Eu me comunicava com elas, mas o homem estava por perto, ali do lado. Para falar de remédios era com eles também, que conhecem as ervas medicinais bem mais do que as mulheres.

Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou?

A falta de recursos. Hoje está um pouco melhor, mas houve muita falta de apoio da classe dominante da época, falta de gasolina para transportar os índios de uma aldeia para outra, só se ia de barco ou de avião.

E a malária?

Havia a malária, mas o que nos preocupava muito eram as doenças que os índios pas-

"O grande impacto foi chegar àquele lugar e me deparar com a imensa calma e tranquilidade das pessoas. É uma sociedade que nos dá inveja. Um outro planeta"

saram a pegar dos brancos, como gripe, sarampo, varíola, entre outras. Foi ficando cada vez mais difícil combatê-las com medicamentos naturais.

Na sua opinião, o índio só preservará sua cultura, seus hábitos, se ficarmos longe dele?

Durante todo esse tempo, os índios já assimilaram muitos dos nossos hábitos, perderam alguns valores e sabemos que não ficarão isolados. Mas a integração não pode ser forçada, não temos o direito de forçá-los a se integrar a nós porque queremos conhecer a cultura deles.

O que ficou desse tempo entre os índios?

Uma grande saudade, principalmente quando olho as fotos e sinto que fiz parte daquele mundo de uma forma muito intensa que me transformou. Sinto também uma satisfação do dever cumprido, e o orgulho por ter feito esse trabalho.



A ÚLTIMA viagem de Marina Villas Boas ao Xingu aconteceu em...



julho de 1998, quando mais de dois mil índios fizeram o Quarup do...



irmão de Orlando, Cláudio, que havia morrido quatro meses antes